

...E o mundo não se acabou

Luiz Adolfo Pinheiro

Diretor de Redação

CORREIO BRAZIL * LEE

Na década de 30, o compositor baiano Assis Valente, radicado no Rio de Janeiro, criou um delicioso samba de costumes da época com o título desse artigo. Nele, o sambista fazia a gozação das pessoas que “anunciaram e garantiram que o mundo ia se acabar” numa determinada data daqueles anos. E o saboroso refrão da música repetia, de vez em quando, que “o tal do mundo não se acabou”.

Como o Brasil de hoje é o mesmo de 1930, salvo o aumento da população e a modernização tecnológica, é interessante observar que o brasileiro continua sujeito a essas crises de pânico e às mensagens dos pregoeiros do fim do mundo. Basta que o dólar passe dos mil cruzeiros, ou que a inflação chegue a 27 por cento - contra 84 por cento no último mês do governo Sarney, lembrem-se? e já começa todo um movimento de inquietação generalizada, como se o País fosse para o buraco nas vinte e quatro horas seguintes.

Passado o susto, tudo volta ao normal. Onde está o dólar de 1.100 cruzeiros de um mês atrás? Ninguém mais se lembra. E a inflação que ia disparar para as nuvens? Está declinante, segundo as últimas informações de institutos dignos de crédito. E o desemprego que chegou a pôr alguns milhares de trabalhadores nas ruas em São Paulo? Está encolhendo, obrigado. E assim por diante.

Não se pretende, é claro, pintar um quadro cor-de-rosa do Brasil de hoje. Há recessão, há inflação, há desemprego e há miséria. Quem negar essas realidades não merece ser levado a sério. Mas a discussão deve ser sobre outra questão: a ideologia do pessimismo.

O que não se pode tolerar é a disseminação do desânimo como atitude normal, quan-

do, na verdade, é anormal num país desse tamanho, com tamanhas riquezas naturais e uma população criativa e ansiosa por progredir em todos os campos da economia e do conhecimento humano.

Nesse assunto, temos muito o que aprender com americanos, europeus e asiáticos. Redator deste jornal, em recente visita aos Estados Unidos, admirou-se de constatar, com os próprios olhos, o grau de recessão econômica em que vive a grande nação do Norte e, ao mesmo tempo, a ausência quase completa de notícias sobre isso nos meios de comunicação.

Jovens neonazistas caçam estrangeiros a tapas na Alemanha, sérvios massacram dez mil croatas na Iugoslávia - e a imprensa desses países e de outros orgulhosos membros do Primeiro Mundo dedicam suas páginas e seus horários na tevê à matança de crianças nas ruas do Brasil.

É interessante - e preocupante, ao mesmo tempo - observar-se a facilidade com que o brasileiro médio acredita que o Brasil caminha para o Apocalipse e contrastar essa atitude com a dos norte-americanos, europeus e asiáticos, com seu orgulho nacional, sua auto-suficiência e sua capacidade de minimizar os próprios problemas, ao mesmo tempo em que exageram os dos outros.

Ao contrário dessa tendência brasileira, tida como “natural”, não existe um único norte-americano, europeu ou japonês que admita que seu país esteja a caminho de um Apocalipse, seja hoje, quando vivem na prosperidade, ou ontem, quando havia o colapso de 1929 nos EUA, as ruínas da Segunda Guerra na Europa e a devastação da bomba atômica em Hiroshima e Nagasaki, no Japão.

Por ironia, esses povos acreditaram muito mais no samba de Assis Valente do que nós brasileiros, pois, para eles, o tal do mundo não se acabou...